

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



CAMINHANDO PARA MIM ATRAVÉS DA TEOLOGIA FEMINISTA*

Walking to me through feminist theology

Cintia Rugno de Aguiar dos Santos

Resumo

Neste trabalho trago a minha experiência através da imersão no universo feminista. Ela se deu quando iniciei meus estudos no Mestrado Profissional em Teologia na Faculdades EST, na Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade. O feminismo impactou positivamente minha vida pessoal e profissional, portanto, a minha experiência formadora é relatada através desta vivência. A metodologia da socióloga suíça Marie-Christine Josso embasa esse meu contar, tornando-se um instrumento determinante para pensar sobre a minha maneira de estar no mundo, olhando para dois tempos importantes: o caminho que percorri no passado e aquele que eu posso prosseguir no futuro. Neste recorte temporal de minha narrativa de vida, refleti sobre o quanto o feminismo me possibilitou visibilizar o que é ser mulher em uma sociedade androcêntrica, onde o patriarcado predominante submete as mulheres e as mantém reféns num mundo onde os homens ditam as regras.

Palavras-chave: Feminismo. História de vida. Experiência.

Abstract

In this paper, I bring my experience of going through immersion in the feminist universe. It took place when I began my studies in the Professional Master's program at the Faculdades EST in the Research Line: Gender, Feminisms and Diversity. Feminism has positively impacted my personal and professional life. Therefore, my formation experience is told through this life experience. The methodology of the Swiss sociologist Marie-Christine Josso provides a base for my telling, becoming a determining instrument to think about my way of being in the world, looking at two important times: the path I walked in the past and the one which I can follow in the future. In this time cut of my life narrative I reflected about how much feminism has made it possible for me to visualize what is being a woman in an androcentric society, where the predominant patriarchy subjugates women and maintains them hostages in a world where the men dictate the rules.

* Dissertação de Mestrado intitulada: O impacto do feminismo e o caminhar para si no processo de formação através do Mestrado Profissional na Faculdades EST, sob a orientação do professor André Sidnei Musskopf.

Keywords: Feminism. Life History. Experience.

Considerações Iniciais

Início esse trabalho abordando a teoria de Marie-Christine Josso e sua metodologia, que busca dar sentido ao processo formativo ao relacioná-lo com os processos de conhecimento e de aprendizagem construídos ao longo da trajetória de vida do sujeito. Trago, também, uma descrição de como o Mestrado Profissional surgiu na Faculdades EST, a trajetória da Cátedra de Teologia Feminista na Instituição que culminou no Programa de Gênero e Religião e o início da Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade.

Ao trazer esses elementos, situo teoricamente a proposta desenvolvida ao longo do trabalho, assim como o contexto no qual se desenrola aquilo que chamo de experiência formadora, que desencadeou um processo de caminhar para mim. Além de situar essa construção num campo teórico específico, essa apresentação situa o contexto no qual a experiência formadora se deu. Essa descrição não é somente uma forma de situar a minha experiência, mas já é, ela mesma, parte da reflexão sobre essa experiência e daquilo que a torna significativa na minha trajetória de formação.

Marie-Christine Josso é minha âncora. Introduziu-me no conhecimento das narrativas de vida centradas na formação, nas vivências que se transformam em experiências¹. Precursora da pesquisa-formação, tema apresentado em sua tese de doutoramento, Marie-Christine Josso é socióloga, antropóloga, doutora em Ciências da Educação, autora de *Experiência de Vida e Formação e Caminhar para si – Cheminer vers soi* – título original de sua tese publicada em 1988, na qual ela aplicou em si mesma sua metodologia. Josso atenta para o fato de que “como os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem são inobserváveis do exterior, sua descrição e sua compreensão devem passar pela capacidade dos participantes de fazê-lo por si mesmos”².

¹ Segundo JOSSO, “os termos vivência e experiência são utilizados quase que indiferentemente para designar atividades, situações, acontecimentos nos quais a pessoa implicada está em um nível ou outro. O termo vivência para autora designa o conjunto dessas implicações ou interações semeadas diariamente ao longo de nossas vidas. Já o termo experiência é empregado para designar a atividade específica que consiste em analisar uma ou várias vivências para delas extrair conhecimentos e/ou informações.” JOSSO, Marie Christine. *Caminhar para si*. Trad. Albino Pozzer; coord. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 266.

² JOSSO, 2010, p. 316.

Nesse sentido, “essa capacidade de auto-observação e de explicitação implica uma aprendizagem em si”³, mesmo que estejam à disposição outras competências.

A descoberta do Mestrado Profissional em Teologia e da Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade

Tomando como ponto de partida a minha incursão no Mestrado Profissional em Teologia e, mais especificamente, na Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade, inicio o processo de contar essa experiência. Entender algumas particularidades da trajetória que culminou nesta Linha de Pesquisa é importante para que se reflita sobre como as discussões teológicas feministas e de gênero se deram nesta instituição de ensino, especialmente na Pós-graduação. Nesse sentido, contar a história da EST, da Cátedra de Teologia Feminista e do Programa de Gênero e Religião possibilita visibilizar o cenário que adentrei e que desencadeou em mim a motivação para compartilhar essas vivências. Principalmente, por serem significativas no meu percurso formativo e por terem me impactado fortemente.

A reflexão teológica feminista tem estado presente na EST há muito mais de vinte anos e faz parte da identidade da instituição. A Cátedra de Teologia Feminista foi instituída no ano de 1991, com a contratação da Professora Wanda Deifelt, que se dedicou integralmente ao desenvolvimento e ampliação dessa discussão. A Cátedra de Teologia Feminista promoveu discussões e intensa mobilização estudantil. Diversas ações realizadas em conjunto com estudantes e corpo docente tanto no âmbito acadêmico quanto para além dele, estimularam a inserção social em grupos e instituições que debatiam sobre a participação de mulheres na sociedade, nas igrejas e na produção teológica. Os debates propostos pela teologia feminista e as discussões de gênero na Faculdades EST, alinhados com o movimento feminista no contexto mundial, enfrentaram resistências quanto a sua implementação, mas, se mostraram imprescindíveis e se fortaleceram cada vez mais. Destarte, afirmou-se a relevância da Cátedra de Teologia Feminista, no sentido de promover a justiça social através da inserção dessas discussões na academia⁴.

³ JOSSO, 2010, p. 316.

⁴ Para obter mais detalhes consultar o documento: Projeto de implantação do Programa de Gênero & Religião (2009-2011), disponibilizado pela Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional da Faculdades EST. FACULDADES EST. *Projeto de implantação do Programa de Gênero & Religião (2009-2011)*. Arquivos do Programa Gênero e Religião. São Leopoldo: 2008.

Com a finalidade de renovação nas discussões nesta área, foi realizada, através de um Grupo de Trabalho convocado pela Reitoria da Faculdades EST em 2007, uma avaliação da Cátedra de Teologia Feminista. Um novo formato foi proposto para que as discussões se ampliassem e garantissem o compromisso da Instituição com a temática e a própria institucionalidade de suas ações. O grupo de avaliação foi composto por diversos segmentos: egressos/as da instituição, estudantes de graduação e pós-graduação, outras pessoas que se identificavam com a proposta, pessoas de outras instituições de ensino, a titular da Cátedra e a própria Reitoria. Também foi realizado o Seminário: Teologia Feminista – trajetórias, diálogos, rupturas e horizontes, e, assim, através dessas iniciativas, criou-se a proposta de constituição do “Programa de Gênero e Religião”⁵.

O Programa de Gênero e Religião foi o grande impulsionador na construção da Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade, pois objetivava desenvolver cursos de Pós-Graduação na área de Teologia Feminista e Estudos de Gênero. No Plano de Ação para 2014 do Projeto: “Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe”, já havia a meta de elaborar a proposta do curso para o Mestrado Profissional em Teologia, e anterior a essa proposta, a realização de um curso de especialização Lato Sensu, com temáticas afins ao Programa. Em novembro de 2014, foi então lançada a proposta oficial do MPG, como consta no Plano de Implementação de 2014, do projeto ora referido⁶. A linha de pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade surgiu na Faculdades EST após uma trajetória cujos inícios podem ser identificados com a criação da Cátedra de Teologia Feminista e a posterior criação do Programa de Gênero & Religião.

A Linha de Pesquisa ora abordada, utiliza instrumentais do feminismo e de gênero, para refletir criticamente sobre a educação. Admite a pluralidade dos sujeitos que vivem em realidades distintas, onde a exclusão social, política e econômica incidem diretamente no curso de suas vidas. Por isso, há necessidade de intervenção através da educação, que “é

⁵ Ver: Projeto de implantação do Programa de Gênero & Religião (2009-2011).

⁶ Sobre o Plano de Ação de 2014 e de Implementação de 2014 do Projeto: Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe, esses documentos foram disponibilizados pela Coordenação do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST. FACULDADES EST. *Plano de Implementação do Projeto: Programa de Gênero e Religião – Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe* (2014-2016). Arquivos do Programa de Gênero e Religião. São Leopoldo: 2013.

desafiada pelos movimentos de corpos excluídos, desesperançados, famintos, carentes de pão, amor, prazer e justiça, entre outras tantas coisas.”⁷

E o caminhar continua...

A primeira semana do mês de julho de 2015 começou com aulas do componente curricular: Justiça de Gênero, Diversidade e Educação conduzida pela professora Edla Eggert. As primeiras noções sobre os feminismos foram marcantes para iniciar o que considero como uma mudança no meu modo de pensar e enxergar a vida. Teve dia e teve hora para iniciar e, com certeza, não há previsão para terminar. As descobertas eram tantas e o que mais me impressionava era entender que a sociedade patriarcal educa para tornar as pessoas cegas diante da divisão de papéis tão bem definidos. Eu fui até então, uma entre milhares de mulheres com “vendas” nos olhos, reproduzindo o padrão dominante. E, a partir dessa constatação, todas as minhas vivências foram se desnudando tão claramente para mim que a cada lembrança de momentos já vividos, via o quanto uma ideologia e uma educação que versam nessa perspectiva patriarcal-capitalista podem emudecer tantas pessoas. A minha alma parecia até então calada. E nesse afã de novas descobertas eu queria falar e entender mais ainda o porquê dessa descoberta ser tardia. Numa mistura de sentimentos, senti-me culpada e ao mesmo tempo liberta e grata⁸.

O meu caminho foi também sendo lapidado por “sabores e saberes”. Essa foi outra descoberta pelas mãos e falas sensíveis da professora Edla. Os sabores presentes representados pelas frutas secas, pelas cucas típicas do Sul, pelos chás que nos aqueciam do inverso rigoroso, dentro de um ambiente preparado com velas e toalhas de chita coloridas. Pensados para acolher e para proporcionar o simples prazer da troca de saberes. Alinhando e alinhavando os conhecimentos houve até a possibilidade de crochêarmos e tricotarmos

⁷ Para maiores informações ver o documento: Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade. Disponível após solicitação à Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional da Faculdades EST. FACULDADES EST. *Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade*. Arquivos da Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional. São Leopoldo: 2015.

⁸ Alguns textos foram estudados no primeiro componente curricular: EGGERT, Edla; SILVA, Marcia Alves. O ‘dentro’ e o ‘fora’ do trabalho feminino: entre os papéis de mãe, esposa e trabalhadora. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, vol. 14, no. 1, jan./abr. 2010; LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000; EGGERT, Edla; SILVA, Marcia Alves. Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popular nos Estudos de Gênero. *Contexto & Educação*, ano 26, no. 85, Editora Unijuí, jan./jun. 2011; HUNT, Mary R. *Sexo bom, Sexo justo: catolicismo feminista e direitos humanos*. Cadernos no. 7. Católicas pelo Direito de Decidir, 2001.

fios de linha e de lã que foram dispostos em sala. Nessa perspectiva, alguns pontos de crochê eu consegui fazer numa flor já iniciada, assim como meu aprendizado foi sendo alinhavado, ponto baixo, ponto alto, trançando e transformando. Aprendizagens numa perspectiva de pensar sobre a teologia feminista e de gênero, como uma conversa entre mulheres, e, que juntas constroem novos e outros saberes.

No componente curricular: “Direitos sexuais, direitos reprodutivos e saúde”, conduzido pelo professor André Musskopf, deparei-me com textos como “Fertilidade e infertilidade na Bíblia: Suspeitas a partir da teologia feminista”⁹, “Aborto: um tema em discussão na Igreja Católica - O surgimento de ‘Católicas pelo Direito de Decidir’”¹⁰, entre outros, que colocaram temas considerados “tabus” em pauta numa perspectiva de defesa pelos direitos de escolha das mulheres. A teologia feminista e sua “suspeita” disseminou em mim a vontade de pensar e analisar as questões para além do aparente, da mera e simples constatação, numa perspectiva de totalidade dos fatos em todos os seus vieses. Suspeitar desacomodando e fortalecendo questionamentos. Quantas mulheres escolhem quando e se querem engravidar? E quantas milhares de mulheres abortam clandestinamente correndo risco de morte? Quando, mulheres que abortam, morrem, não é crime de omissão do Estado? Essas e outras perguntas necessitavam de respostas.

Na prática comecei a enxergar melhor os espaços das mulheres. A carga ideológica que é imposta ao longo da vida e que leva à passividade e à obediência tinha se esvaído diante da clareza do conhecimento. Nós, mulheres, muitas vezes naturalizamos a subordinação feminina. Acreditamos que nossos espaços são inquestionáveis e que não há exploração das mulheres pelos homens. As relações de exploração parecem ser inexistentes diante da ideologia dominante e sua reprodução, quase que imperceptível. Nossa cultura

⁹ NEUENFELDT, Elaine Gleci. Fertilidade e infertilidade na Bíblia: suspeitas a partir da teologia feminista. *Revista Aulas*, no. 4, 2007. O texto discute as práticas em torno da fertilidade e maternidade nos períodos do Antigo Testamento. Analisa o mandato da maternidade como bênção, num contexto social que necessita dos corpos das mulheres como lugar de reprodução de mão de obra para o crescimento populacional. Insere as concepções e práticas sobre fertilidade e infertilidade presente nos textos bíblicos, num ambiente social mais amplo do Antigo Oriente Próximo.

¹⁰ ROSADO-NUNES, Maria José; JURKEWICZ, Regina S. Aborto: um tema em discussão na Igreja Católica. O surgimento de 'Católicas pelo Direito de Decidir'. In: PEREIRA, Irotilde G. *et al. Aborto legal: implicações éticas e religiosas*. São Paulo: Publicações CDD, 2002, p. 17-70. Trata do aborto legal e suas implicações éticas e religiosas; do discurso oficial da Igreja condenando o aborto; nas ambiguidades e contradições no tratamento de questões relativas à sexualidade e à reprodução humana e das Católicas pelo Direito de Decidir – CDD – que desenvolve um discurso e uma prática de apoio a mulheres que, sem renunciar à experiência de fé afirmam sua autonomia e capacidade moral para tomar decisões relativas a todos os aspectos de suas vidas.

contribui de fato e que cultura é essa que apregoa tanta desigualdade? Levei esse questionamento e outros tantos desse “universo novo” (e que procurava por respostas) às minhas alunas e alunos do curso de Serviço Social. As mulheres passaram então a ter para mim uma importância até então não percebida. As mulheres e suas lutas por igualdade e visibilidade passaram a me encantar. Essa descoberta foi muito valiosa, mas, sobretudo, a possibilidade de ruptura das apropriações das quais sofremos enquanto mulheres, essa foi a que me trouxe a consciência do feminismo. Enxerguei-me também enquanto feminista, agora com orgulho.

Novas aprendizagens conscientes

Os livros sobre gênero, feminismo e teologia passam a ser meus companheiros de cabeceira. Acredito que fui e ainda estou a me (re) descobrir no pensar enquanto mulher consciente de si, questionando a cultura da masculinidade e sua supremacia¹¹, enxergando novas possibilidades nos meus espaços, inspirada nessas leituras. “É possível sair da alienação, pela experiência da viagem no decorrer da qual tudo começa onde tudo acaba” afirma Josso¹². E nessa experiência da viagem para o novo, ou quem sabe, de outra visão para o já vivido, um novo olhar se espraia para o conhecimento e para a vida, se transformando em novas e possíveis experiências.

As leituras no campo do feminismo e da teologia feminista são conhecimentos específicos que possibilitam para mim um alargamento em minha consciência. Essa “tomada de consciência” se processa como fundamental para novas práticas enquanto mulher. De “posse” desse novo “campo consciencial” é necessário um reposicionamento “no contexto do processo de conhecimento global e do processo de conhecimento específico”, como bem coloca Josso¹³. É um repensar para essa abertura que pretende uma mudança no que você já foi e no que objetiva ser, como um projeto pessoal que vai se concretizando a medida que a teoria se cristaliza na prática e se materializa nessa narrativa. A descrição desse processo de conhecimento e apropriação do feminismo vai sendo revelado no relato dos momentos que

¹¹ Sugestão de leitura para aprofundar a discussão: EGGERT, Edla. Supremacia da masculinidade: questões iniciais para um debate sobre violência contra mulheres e educação. *Cadernos de Educação*, Pelotas, FaE/UFPel, no. 26, p. 223-232, jan./jun. 2006.

¹² JOSSO, 2010, p. 118.

¹³ JOSSO, 2010, p. 304.

vivenciei e que vou também descobrindo nesse pensar, na sensibilidade que a escrita proporciona e ensina. Conhecimento libertador e transformador.

Vi-me diante do desafio de contribuir para “o movimento de feminizar o mundo”¹⁴, como bem coloca Rosiska Darcy de Oliveira, torná-lo menos masculino, menos sexista, menos machista. Acompanhar as mulheres em suas travessias pessoais, em caminhadas que precisam ser compreendidas e revigoradas por cada uma e por cada um que a ela se junta. Desacomodar as mulheres diante de tanta passividade e conformismo parece mais que óbvio. E mostrar para os homens o quanto a opressão machuca e que é possível para eles, também, a mudança de postura, na forma de pensar e agir, tornando-se aliados e não adversários.

A grande questão é desmistificar o feminismo e o que é ser feminista. Para a maioria das pessoas palavras que soam incômodas e que representam uma gama de mulheres mal-amadas e insatisfeitas com a vida. Palavras que são ofensivas, uma transgressão ao que nos foi imposto e um modo de pensar e agir fora dos padrões determinados. Para as novas gerações de mulheres a tarefa parece ser mais fácil, tanto no entendimento do que é o feminismo, quanto no que é ser feminista. Para as gerações passadas, talvez seja como um processo de “alfabetização” tardio, mas possível. As relações entre mulheres e homens **sempre foram de inferioridade das mulheres em relação aos homens**, um processo internalizado e pouco questionado, portanto, um desafio constante, de olhar para um passado repressor e modificar o presente e o futuro, tornando-os libertadores das amarras da inconsciência. Fazer acontecer, como está sendo para mim, uma descoberta e um olhar para si mesma. Enxergar o mundo das mulheres sem o “faz de conta” e as ilusões e sem o ponto de vista da lógica masculina.

Pensei acerca da minha travessia, da dificuldade de me enxergar no processo em que nós mulheres vivemos mergulhadas, inundadas pela cultura masculina e postas a reproduzi-la, para a passagem da consciência libertadora e de como assumi um novo ideal, saindo da clausura que afetou e ainda afeta minha geração e outras passadas, reproduzindo mulheres em seu eterno feminino, em seus espaços privados. O grande movimento é o de se desacomodar, de buscar o feminismo libertador, de desmodelar o nosso cotidiano e elaborar outras histórias para nós mesmas, criando novos modos de vida, enfrentando as

¹⁴ OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012, p. 69.

lutas diárias e tornando-as nossas bandeiras de luta constantes. Esse processo de assimilação das diferenças entre mulheres e homens impõe-se como necessária para o meu aprofundamento. Entender as lutas travadas em nossos lares, nos grupos de amigas e amigos dos quais participamos, no trabalho, é uma possibilidade de me repensar e de me recolocar enquanto mulher.

Caminhando para mim com a consciência de ser uma mulher feminista

A incansável discussão sobre o feminismo não ser o contrário de machismo ainda é uma questão posta. As diferenças biopsicossociais existem porque são próprias dos seres humanos. As construções sociais é que devem ser repensadas e transformadas, para o bem da convivência entre as pessoas¹⁵. Quando não há espírito de luta para saber quem se sobrepõe a quem, sem a prevalência do homem em detrimento da mulher, viver pode se tornar mais fácil e leve e o respeito prevalecerá.

Estudamos sobre a violência contra as mulheres no componente curricular: “Religião e violência contra as mulheres”, ministrado pela professora Marcia Blasi e ouvimos relatos de assassinatos de mulheres como sendo notícia banal. Compartilhamos a crueldade de mulheres que foram estupradas nas guerras civis, choramos as dores de meninas que são obrigadas a casar com homens que poderiam ser seus pais, nos indignamos com a dor das adolescentes que são espancadas por serem mulheres e que, em outras culturas, são obrigadas a serem escravas dentro de seus lares. Meninas que buscam a morte como solução, sem perspectivas, e muitas ceifadas de seus sonhos, se é que eles existem. Choro, dor, indignação e a consciência de que nós, mulheres, temos ainda um longo e duro percurso a seguir no enfrentamento diário em nossos lares, em nosso trabalho, em nossa comunidade, naquilo que queremos ser. Podemos sonhar, sim, e acreditar na transformação.

¹⁵ Indicação de leitura: PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). *Diferenças, Igualdade*. [Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais]. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116-149. Sobre as construções sociais, a autora afirma sobre a atribuição de espaços sociais diferenciados para homens e mulheres e a discriminação que costuma ser justificada mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres, que são utilizados para delimitar seus espaços de atuação. Com frequência, esses traços são considerados como algo inato, com o qual se nasce e algo supostamente “natural”. A mesma autora discute sobre o conceito de gênero com o de feminismo e noção de identidade entre as mulheres no ensaio: PISCITELLI, Adriana. *Re-criando a (categoria) mulher?* Campinas: 2001. Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

Cada passo nessa direção é a busca pela libertação da ideologia patriarcal que dissemina a desigualdade entre homens e mulheres:

À luz desta tradição, procurar-se-á encontrar explicações para a vigência, ainda hoje, dos mitos e preconceitos através dos quais a sociedade atual tenta justificar a exclusão da mulher de determinadas tarefas e mantê-la, assim, no exercício quase exclusivo de seus papéis tradicionais e das ocupações reconhecidamente femininas¹⁶.

E o feminismo, enquanto perspectiva de mudança tem sua relevância e explicação. Ser feminista é abraçar a luta e a nossa causa, a minha e a de outras incontáveis anônimas mulheres. Como li num post feminista: “ser mulher não deveria ser um risco”. Não deveria ser.

Reflico constantemente sobre as lições que venho aprendendo com as discussões travadas no Mestrado em Teologia. A fé, que hoje tem para mim outra importância, tem a força de respaldar minhas ações e de resgatar a minha possibilidade de acreditar que é possível crer numa força que nos rege. Entender que as religiões definem as diversas culturas em nosso mundo é compreender como a cultura e a religião se interligam e explicam como as sociedades tratam seu povo, definem suas regras, se respeitam ou não. O componente curricular “Hermenêutica bíblica feminista”, ministrada pela professora Odja Barros, mostrou como a Bíblia sob a ótica das mulheres tem outras perspectivas em sua análise e leitura. As mulheres bíblicas mais visíveis na representação de Nancy Cardoso Pereira e Carlos Mesters através da publicação de “A Leitura Popular da Bíblia: à procura da moeda perdida” foi importante para mim nesse aprendizado¹⁷. A suspeita é a palavra-chave.

Estudar a Teologia Feminista, diferente do que eu imaginava, é entender como as mulheres contam suas histórias e mostram sua realidade, como elas pensam acerca de seus direitos e de como na perspectiva da teologia feminista se dissemina a possibilidade de mudança, tendo a suspeita sempre presente. Inspira homens e mulheres a não travarem batalhas, homens e mulheres em busca de superar os estigmas que definiram os padrões existentes e excludentes em nossas sociedades. Mulheres sem medo dos homens, caminhando juntas e juntos.

¹⁶ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 230.

¹⁷ PEREIRA, Nancy Cardoso; MESTERS, Carlos. *A leitura popular da Bíblia: à procura da moeda perdida*. São Leopoldo: CEBI, 2011.

Tornar-se feminista possibilita ir contra uma visão de mundo hegemônica que molda o tratamento dado às mulheres. São tratamentos desumanos que desvalorizam as vivências, que deturpam as experiências, nos tornando frágeis diante da força do patriarcado, do machismo que impera. Mas, como um rio se torna caudaloso quando suas águas ganham força, acredito que esse é o caminho. Do fortalecimento conjunto. Caminhar para si com a consciência de ser uma mulher feminista, de compor as múltiplas vozes que fortalecem o feminismo contemporâneo. De lutar de uma forma que motivem outras mulheres a se juntarem, de poder contribuir positivamente com outras tantas por um feminismo que vibre e replique. Para que a desigualdade de gênero que vivemos seja somente um sonho ruim, que ficou no passado. Quem sabe não mudamos definitivamente o rumo dessa história?

Assim, diante dessas vivências que se transformaram em experiências e que relatei nesta narrativa de vida, no meu percurso formativo, entendi que milhares de mulheres também tem muito que contar. No anonimato de suas vidas cotidianas ou nas histórias que ficaram e marcaram a história da humanidade. Representei nessa experiência as mulheres anônimas, as Marias, as Anas, as Franciscas. Prosseguimos acreditando na mudança, no que hoje parece não ser possível, mas que amanhã quem sabe? Seguimos com a certeza de que cada uma que conte sua história transforme sua realidade. Ela replicará.

Considerações Finais

Definitivamente nada está concluído. Ainda tenho muito a refletir, e a caminhada para mim prosseguirá. Tenho a consciência de que a mudança que vivenciei dimensionou minha trajetória. Ela se reconfigurou.

O Mestrado Profissional em Teologia e a Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade foram as vivências determinantes e desencadeadoras desse meu contar. Como metodologia embasadora, e que possibilitou estruturar meu trabalho, utilizei as referências de Marie-Christine Josso. O percurso que a autora descreve nesse processo de “Caminhar para si”, envolve o reconhecimento do sujeito que conta sua história, enquanto protagonista, de modo a perceber sua trajetória de forma consciente, compreendendo os processos vivenciados. À medida que novos conhecimentos foram sendo apreendidos por mim, houve a perspectiva de mudança numa mesma sequência temporal da elaboração da narrativa. A evolução desta narrativa testemunhou uma realidade de questionamentos, de

rupturas, das dinâmicas que envolveram esse meu contar, das significações, do conhecimento teórico específico, enfim, que alimentaram esta história.

Nesse processo, a intencionalidade se fez presente. Compreendi minha formação e meu papel como sujeito desta formação. A consciência desta dinâmica durante os momentos que revisitei meu passado e relatei o meu presente, foram e são a (re)construção de minha vida. Esta atividade de elaboração e construção da narrativa me lançaram luzes quanto a ser o sujeito no centro desse processo e evidenciaram minha autointerpretação. Em alguns momentos de nossas vidas, ela acontece de forma espontânea, já nesse processo das narrativas de formação, a autointerpretação é intencional e tem importância fundamental, pois, possibilita uma reflexão apurada e crítica deste percurso específico que experienciei.

A formação da minha consciência feminista foi se evidenciando nesse relato, e a tomada desta consciência também foi se processando. Pensar na formação dessa consciência exigiu, antes de tudo, a compreensão do modo como às mulheres são socializadas, e de que as mulheres também são marcadas pela força da ideologia patriarcal, que as cega diante da realidade. Na medida em que fui estudando os componentes curriculares do Mestrado Profissional em Teologia, fui descobrindo que as desigualdades e as violências sofridas pelas mulheres possuem determinações comuns e, que, a liberdade individual só se dará com a liberdade de todas. Nesse processo de me “lapidar” como uma mulher feminista (com consciência de si), uma nova consciência foi sendo forjada: a consciência militante.

Este trabalho foi se configurando mediante as minhas próprias descobertas. O Mestrado Profissional em Teologia possibilitou a escolha de ser uma mulher feminista. Encontrei no feminismo, uma nova perspectiva para pensar sobre a minha existência, nesta breve passagem que é a vida, e me trouxe um novo alento. Quando releio essa narrativa percebo quanto o feminismo foi e está sendo fundamental para eu construir essa nova mulher. São reencontros e novos encontros comigo mesma, é um desacomodar contente, consciente, revigorante.

Como já dizia Emma Goldman, militante do movimento das mulheres no século XX, “Se não posso dançar, não é minha revolução.”¹⁸

¹⁸ Emma Goldman foi uma das fundadoras do moderno movimento de luta das mulheres, o qual está umbilicalmente ligado à luta do movimento operário e pelo socialismo. Emma Goldman foi agitadora e

Referências

A BATALHA. *Emma Goldman*: "Se não posso dançar não é minha revolução." 05 mar. 2009. Disponível em: <<http://economiasocialistads.blogspot.com.br/2009/03/emma-goldman-se-nao-posso-dancar-nao-e.html>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

EGGERT, Edla. Supremacia da masculinidade: questões iniciais para um debate sobre violência contra mulheres e educação. *Cadernos de Educação*, Pelotas, FaE/UFPel, no. 26, p. 223-232, jan./jun. 2006.

_____; SILVA, Marcia Alves. O 'dentro' e o 'fora' do trabalho feminino: entre os papéis de mãe, esposa e trabalhadora. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, vol. 14, no. 1, jan./abr. 2010.

_____; _____. Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popular nos Estudos de Gênero. *Contexto & Educação*, ano 26, no. 85, Editora Unijuí, jan./jun. 2011.

FACULDADES EST. *Projeto de implantação do Programa de Gênero & Religião (2009-2011)*. Arquivos do Programa Gênero e Religião. São Leopoldo: 2008.

_____. *Plano de Implementação do Projeto: Programa de Gênero e Religião – Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe (2014-2016)*. Arquivos do Programa de Gênero e Religião. São Leopoldo: 2013.

_____. *Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade*. Arquivos da Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional. São Leopoldo: 2015.

HUNT, Mary R. *Sexo bom, Sexo justo: catolicismo feminista e direitos humanos*. Cadernos no. 7. Católicas pelo Direito de Decidir, 2001.

JOSSO, Marie Christine. *Caminhar para si*. Trad. Albino Pozzer; coord. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Fertilidade e infertilidade na Bíblia: suspeitas a partir da teologia feminista. *Revista Aulas*, no. 4, 2007.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

propagandista em defesa da liberdade sexual da mulher, de denúncia contra o caráter ditatorial do casamento, do ateísmo, da liberdade e da educação sexual das crianças, do direito da mulher ao controle de natalidade e dos direitos civis das mulheres. A BATALHA. *Emma Goldman*: "Se não posso dançar não é minha revolução." 05 mar. 2009. Disponível em: <<http://economiasocialistads.blogspot.com.br/2009/03/emma-goldman-se-nao-posso-dancar-nao-e.html>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

PEREIRA, Nancy Cardoso; MESTERS, Carlos. *A leitura popular da Bíblia: à procura da moeda perdida*. São Leopoldo: CEBI, 2011.

PISCITELLI, Adriana. *Re-criando a (categoria) mulher?* Campinas: 2001. Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

_____. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). *Diferenças, Igualdade*. [Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais]. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

ROSADO-NUNES, Maria José; JURKEWICZ, Regina S. Aborto: um tema em discussão na Igreja Católica. O surgimento de 'Católicas pelo Direito de Decidir'. In: PEREIRA, Irotilde G. *et al.* *Aborto legal: implicações éticas e religiosas*. São Paulo: Publicações CDD, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.